

Arquitetura Escolar: Grupos Curitibanos da Republica Velha

**Renan Dinis Pergher (1); Ana Paula Puppo Correa (2)
Marcus Levy Albino Bencostta (3)**

- (1) Graduando do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR, Rua José Demeterco 280 Cajuru 82900- 420 Curitiba Paraná; (41) 3366-0421, (46) 91066281; renanpergher@hotmail.com
- (2) Doutoranda do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar- NEPHArqE, do Programa de pós-graduação em História e Historiografia da Educação da UFPR;
- (3) Orientador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar- NEPHArqE da UFPR;

RESUMO

O estudo da Arquitetura Escolar provem de uma das demandas mais complexas do âmbito arquitetônico: o ambiente de ensino. O planejamento espacial, de localização, de fachada, paisagístico influem na maneira como a escola e sua função social será interpretada. No início da Republica, nas décadas de 10, 20 e 30, foram construídas, em Curitiba, um numero significativo de escolas, ou grupos escolares. Esses grupos Possuem características singulares, em comparativo á outros edifícios do mesmo período, pois neles a grande sociedade curitibana levava seus filhos para serem educados. A análise desse período com a contemporaneidade nos leva a uma compreensão adequada do “espaço de ensino” e suas necessidades, não meramente funcionais, mas simbólicas. Esta pesquisa é desenvolvida junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar, ligada ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFPR.

ABSTRACT

The study of Architecture School of proving one of the most complex demands of the architectural context: the environment of education. The spatial planning of location, façade, landscape influence the way the school and its social function will be interpreted. At the beginning of the Republic, in the decades of 10, 20 and 30, were built in Curitiba, a significant number of schools or school groups. These groups have unique characteristics in comparison to other buildings of that period, since the great society Curitibanos they took their children to be educated. The analysis of the contemporary period with us to a proper understanding of the area of education and their needs, not merely functional, but symbolic. This research is developed with the Center for Studies and Research in History of Architecture School, linked to the Post Graduate Program in Education of the UFPR.

Palavras chave: Arquitetura Escolar, Grupos Escolares.

1. INTRODUÇÃO

Quando, em 1889, o governo republicano assumiu o poder no Brasil, assumira, também, todos os princípios que norteavam um regime republicano, entre eles o Ensino Universal. Não seria nada fácil. O Brasil Republica nascera com um déficit

educacional muito grande. Existiam pouquíssimas escolas de ensino básico, e sua grande maioria eram escolas para religiosos. Foi somente com a republica velha que veio a resposta. Com uma elite nacional ascendente pelos lucros do café, o governo republicano tomou por necessidade um programa de manutenção do ensino. Nas décadas de 10, 20 e 30, os conhecidos “gloriosos trinta”, desenvolveram maciçamente a execução de grupos escolares pelas principais cidades do Brasil. Esses grupos visavam a educação da Elite e a capacitação da população em geral, os chamados liceus e ofícios. Com a Crise de 29 e o fim de republica velha, veio abaixo este projeto, sendo substituído pela reforma na educação proposta por Getulio Vargas.

2. A ARQUITETURA DOS GRUPOS ESCOLARES CURITIBANOS

Dois grupos escolares serão destacados do conjunto pesquisado: Grupo Escolar Don Pedro II (fig 01) e Grupo Escolar Barão do Rio Branco (fig 02).



Figura 0 1



Figura 0 2

O Primeiro, concluído em 1928, localizava-se, na região do rocío da cidade, no entanto muito próxima a uma região residencial de ricos comerciantes estrangeiros, o bairro Batel. Com o desenvolvimento de Curitiba, devido ao ciclo do mate e do café, comerciantes ingleses, em geral, estabeleceram a cidade como moradia definitiva nesse bairro, caracterizando um tipo diferenciado de colonização. O lote onde Edifício foi construído era um dos eixos de ligação da cidade com os núcleos de colonização da cidade. Assim o partido escolhido deveria ser simbólico em diversos sentidos: Mostrar aos estrangeiros um sincero avanço em direção de uma republica, assegurar ensino para seus filhos e mostrar aos colonos a força e segurança dessa republica. O escolhido foi um sólido bloco de 2 pavimentos, o primeiro grupo escolar de Curitiba com essa altura, tornando-se um ponto focal em uma região de baixa densidade, destacado na paisagem. Sua fachada possuía motivos em art-noveau mas o destaque era o sentido estruturalista de suas colunatas. Outra Inovação do grupo era a planta e U: essa conformação espacial criava um pátio protegido, disponível para as atividades de desportos e saúde física. A suntuosidade do grupo era grande, a qualidade em acabamento pouco vivenciada, mesmo em escolas particulares contemporâneas. O segundo grupo, concluído em 1911, torna-se peculiar pelo principio do uso simbólico, aperfeiçoado no grupo anteriormente analisado. Quando, no inicio da década de 10, a prefeitura resolveu substituir o principal eixo de ligação leste-oeste, que antes atravessava o centro da cidade, chegando pela avenida XV de novembro e saindo na avenida batel, passando onde se edificou o grupo Dom Pedro II, deslocou-se todo o trafego pesado de cargas para o sul da estação férrea, surgindo, assim, uma nova região de franco desenvolvimento habitacional. No entanto, diferentemente dos

grandes grupos analisados, este, apesar da imponência, localizou-se em uma região de renda baixa. Com uma planta retangular de bloco único, localizado em um terreno de esquina, o grupo escolar Barão do Rio Branco possui como fachada principal o eixo novo (Avenida Silva Jardim). Composto por uma fachada eclética limpa, possui um conjunto de colunas que, quando visto da rua, muito abaixo do nível da escola, proporciona uma imagem grandiosa. Assim sendo, Estes dois grupos tem um grande em fator em comum: o valor simbólico que ambos passam. Do primeiro, como já citado, o conjunto deveria impressionar aos estrangeiros que se estabeleciam, mostrando uma “realidade” e um futuro promissor da nova república, assegurando os privilégios de padrão europeu para sua estadia. Já o segundo deve destacar-se da mesma maneira, no entanto ao viajante, ao comerciante, não aos usuários, refletindo em uma planta simples e de materiais modestos.

3. CONCLUSÃO

Esse nível de estudo nos faz refletir: como a qualidade do ambiente de ensino poderia interferir na qualidade do ensino? Seria necessário o desenvolvimento de escolas de valor simbólico ou funcional? Com a chegada do pensamento modernista a Curitiba, uma nova concepção de escola chega também onde se encontram espaços mais funcionais, no entanto menos simbólicos ou de menor valor urbano. Na década de 60, o grupo Barão do rio Branco foi demolido e substituído por um edifício de partido moderno e que, com o “fenômeno do barateamento” do ensino público, possui baixo nível de complexidade arquitetônica. Talvez tenham os valores relativos ao ensino, mudado. Talvez seja reflexo de uma arquitetura “cega”, já que em Curitiba, haviam poucos arquitetos. Simplesmente, ocorre, na contemporaneidade, um resgate das escolas dos gloriosos trinta para que, em um novo pensamento de ensino público, possam se resgatar o simbolismo que uma escola tinha.

4. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCOSTA, M. L. A. *Arquitetura e Espaço Escolar: o exemplo dos grupos escolares de Curitiba (1903 – 1928)* BENCOSTA, M. L. A. (org.) **História da Educação e Espaço Escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

CORREIA, A. P. P. *Arquitetura Escolar: a cidade e a escola rumo ao progresso – Colégio Estadual do Paraná (1943 – 1953)*. BENCOSTA, M. L. A. (org.) **História da Educação e Espaço Escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

CASTRO, E. A. De. **Ensaio sobre a Arquitetura em Curitiba 2: Colégios e Educandários** / Elizabeth Amorim de Castro e Marialba Rocha Gaspar Imaguire. Curitiba: E. A. de Castro; M.R. G. Imaguire, 2006

ZEVI, B. **Saber ver a Arquitetura**. 6ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOUDON, P. **Sur l'espace Architectural**. Alarseille: Éditours Paramthose: 2003